

Direito e Justiça nas parábolas de Jesus Cristo

27/12/2020

Parábola é uma narrativa verídica ou em forma de história, que transmite de forma simples uma orientação religiosa ou moral, apresentando exemplos a serem imitados. Jesus Cristo proferiu mais de 60 parábolas, as quais foram narradas pelos apóstolos, em especial Lucas e Mateus. Considerando estarmos na Semana Natalina, vejamos algumas parábolas de Cristo que tenham relação direta com Direito e Justiça.



Comecemos pela “Parábola não podes servir a dois senhores”

(Mateus; [Lucas 16:13](#)). Por vezes, o profissional do Direito cai na tentação de cumular benesses, por exemplo, poder e renda. Assim pode agir o advogado que, sob a justificativa de beneficiar seu cliente com ganhos significativos, vai além do limite aceitável, atropela a ética e, por vezes, chega até a orientar a prática de ilícitos. Da mesma forma o juiz que, visando cumular o *status* de seu cargo com dinheiro, deixa-se envolver em condutas reprováveis. Em ambos aplica-se a parábola, pois quem age corretamente deve fazê-lo integralmente, sem lugar para concessões inadequadas, ou seja, “servindo a um só senhor”.

Na “Parábola da árvore e seus frutos”, ([Lucas 6:43-45](#)), disse Jesus: *Não há árvore boa que dê mau fruto; nem tampouco árvore má que dê bom fruto. Pois cada árvore se conhece pelo seu fruto. Os homens não colhem figos dos espinheiros, nem dos abrolhos vindimam uvas.* A parábola deu origem ao princípio da nulidade das provas obtidas a partir de um meio de prova ilícito (*fruits of the poisonous tree*), teoria esta acatada inicialmente pela Suprema Corte dos Estados Unidos da América e, posteriormente, no Brasil, pelo Supremo Tribunal Federal.^[i]



Na “Parábola o trigo e o joio”, ([Mateus 13:24-30](#)), narra Jesus que um homem plantou trigo nas suas terras, porém, durante a noite, estranhos plantaram o joio no mesmo local, misturando ambos. Tomando conhecimento, o proprietário deixou que ambos crescessem, para que quando chegasse a colheita o joio fosse separado e queimado.

A parábola, do ponto de vista religioso, significa que os maus serão separados dos bons, só estes serão os chamados. Na ótica do Direito é possível dizer que todos, nos bancos da Faculdade de Direito, estamos em igualdade de condições. No entanto, o tempo mostrará os que têm valor e a eles dará o reconhecimento. Os maus não devem ser simplesmente ignorados, devem, sim, ser repudiados.

Na “Parábola do bom samaritano” ([Lucas 10:25-37](#)), um homem que passava por uma região perigosa foi roubado e espancado. Deitado no chão, ferido, por ele passaram um sacerdote e um levita (pessoa dedicada aos serviços do templo), sem dar-lhe atenção. Após, um samaritano que por ali passava levou-o a uma hospedaria e providenciou para que fosse tratado. A parábola revela o sentimento de fraternidade, de solidariedade, que deve prevalecer nas relações humanas, como prevê o art. 3º, inciso I da Constituição.

Todavia, não pode a solidariedade ser apenas um pomposo discurso, é necessário que ela seja praticada. Por exemplo: será solidário aquele condômino que, para economizar pequeno valor nas despesas de seu condomínio, concorda em substituir 5 empregados por uma secretária eletrônica que comanda os atos à distância? Ao meu ver, não.

Na “Parábola da Ovelha Perdida” ([Mateus 18:10-14](#)), Jesus indaga se um pastor que tinha 100 ovelhas deveria deixar 99 e sair à procura de uma que havia se desgarrado. O tema é a busca e o reencontro dos que se extraviam, sendo totalmente aplicável à Justiça Criminal, onde a meta, acima de tudo, deve ser a recuperação daquele que transgrediu a lei. Em outras palavras, a recuperação daquele que delinque é a maior vitória do sistema de Justiça.

Na “Parábola da figueira estéril” ([Lucas 13:6-9](#)), o proprietário da terra reclama com o viticultor que dela cuidava, pelo fato de que há 3 anos visitava o local e a figueira não dava frutos. O viticultor pede mais uma oportunidade, dizendo que colocaria adubo e tomaria todas as providências para que a figueira desse frutos. Em síntese, isto significa uma última oportunidade. No Direito, a tolerância e uma nova chance podem ser mais úteis que o rigor da punição extrema. Todavia, se não for aproveitada a oportunidade, a punição – tal qual a figueira que seria cortada – é a consequência necessária e adequada.

Na “Parábola das dez virgens” ([Mateus 25:1-13](#)), cinco delas, prudentes, preparam-se para o encontro com cinco noivos com quem se casariam, portando azeite para as lâmpadas que iluminariam o caminho. Todavia, as cinco outras, chamadas de néscias, não se prepararam e não puderam encontrar os noivos na escuridão. Pediram, então, azeite às prudentes, que responderam: *Talvez não haja bastante para nós e para vós; ide antes aos que o vendem e comprei-o para vós*. As néscias foram à procura do azeite e, ao retornarem, as portas estavam fechadas e elas não participaram das bodas.

A parábola, além do objetivo religioso, pode ser aplicada aos profissionais do Direito que se descuidam de seus compromissos, que não estudam, não se atualizam, e que um dia são



surpreendidos pelas portas que se fecham à sua frente.

E para terminar vejamos a “Parábola do Grão de Mostarda”. Nela, Jesus compara pequenas ações que podem transformar-se em algo maior, no caso na conquista do Reino de Deus. Assim diz: *É como um grão de mostarda, que, quando semeado na terra, embora seja menor que todas as sementes que há na terra, contudo depois de semeado, cresce e se torna a maior de todas as hortaliças, e deita grandes ramos, de tal modo que as aves do céu podem pousar à sua sombra* ([Marcos 4:30-32](#)).

Aí está a lição de que o sucesso, o reconhecimento, se conquista à custa de muitas pequenas boas ações, feitas desinteressadamente ao longo do tempo. Uma carreira jurídica bem conduzida não busca o sucesso em seis meses, ao contrário, constrói-o sobre bases sólidas.

Estas pequenas amostras da palavra de Jesus Cristo, narradas em forma de parábolas, demonstram que os anseios e as buscas da humanidade são milenares. Os erros se repetem através dos séculos gerando, por vezes, sofrimento e dor. A leitura das parábolas de Jesus Cristo é um guia seguro para uma vida profissional feliz. O Natal de 2020 já passou, mas os preceitos das parábolas são eternos. Que sejam seguidos em 2021, reduzindo conflitos inúteis e colaborando para a felicidade dos profissionais do Direito.

[i] STF, (RHC 90376, Relator(a): Min. Celso de Mello, 2ª. Turma, j. 03/04/2007, RTJ VOL-00202-02 PP-00764 e RT v. 96, n. 864, 2007, p. 510-525.

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2020-dez-27/segunda-leitura-direito-justica-parabolas-jesus-cristo/>